A ETNOLOGIA INDÍGENA DE JULIO CEZAR MELATTI

MANUEL FERREIRA LIMA FILHO
Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia/UCG

Quando decidi trabalhar com os Karajá da ilha do Bananal estava dividido entre a novidade de fazer uma pesquisa de campo etnográfica pela primeira vez, ou seja, passar por aquilo que alguns chamam de rito de iniciação da profissão, e as ponderações de etnólogos que pintavam uma situação de contato interétnico difícil entre o grupo, alertando que a etnografia seria contaminada pela aura desanimadora daqueles que fizeram uma experiência etnográfica com os Karajá. Diziam que os Karajá expulsavam os antropólogos, ou ainda, que os que começavam as etnografias não conseguiam terminá-las, devido ao caos provocado pela bebida alcoólica no grupo. O receio aumentou quando percebi que no levantamento etnológico do Centro-Oeste, de modo especial o que foi realizado pelo *Harvard Central Brazil Research Project* (Maybury Lewis, 1979), os Karajá não haviam sido contemplados. E assim, entre a animação do noviço em Antropologia e um certo receio em relação à situação do grupo, ficava uma desesperança no ar. Foi então que se fez presente a sensatez e a serenidade do professor Julio Cezar Melatti, que sabiamente me mostrou algumas etnografias de sucesso sobre o grupo e ainda sentenciou: "Em último caso, você ouve os índios do lado da cidade..." Ou seja, as dificuldades do campo não seriam maiores que a contribuição que a etnografia poderia dar ao estudar pela primeira vez, e de maneira global, o rito de iniciação dos meninos Karajá ou o rito da Casa Grande.

Tive o privilégio de ter sido aluno e orientando do professor Julio Cezar Melatti e, além disso, contar com sua amizade. Soube com segurança e serenidade reconhecer as dificuldades e as potencialidade deste aprendiz de

Antropologia. Ele me ensinou a fazer etnografia à maneira clássica, como nos inspira Malinowski. Foi um referencial de incentivo e confiança, quando na metade da minha pesquisa de campo, entre os Karajá da ilha do Bananal me brindou com suas palavras de estímulo, não permitindo que o choque cultural ou "fusão de horizontes" paralisassem a pesquisa: "comece pelo mapa da aldeia, depois os parentes, a roça, o ritual..." eram suas recomendações quando recebi uma carta sua na aldeia.

Com uma quantidade de dados inéditos sobre o grupo e sobre o ritual, foi decisiva a orientação de Melatti na construção final da minha etnografia (Lima Filho, 1994). O curso de Mitologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, ministrado pelo Prof. Melatti, e o seu artigo "O Mito e o Xamã" (Melatti, 1963) muito me ajudaram como instrumentais teóricos e metodológicos, para que eu pudesse construir uma interpretação do rito de iniciação dos meninos Karajá e mostrar, definitivamente, que nem só de álcool vivem os Karajá. Com os dados etnográficos nas mãos, pude também fazer uma comparação etnológica com outros ritos do Brasil Central, inclusive com os Krahó, valendo-me do livro *Ritos de uma Tribo Timbira* (Melatti, 1978), sem deixar de considerar o importante contexto interétnico dos Jê do Brasil Central, interpretado com maestria por Melatti no livro *Índios e Criadores* (Melatti, 1967). Aprendi com Melatti o exercício de tentar desvendar o fascinante arranjo de símbolos estruturados nos mitos, encenados nos ritos, numa lição consistente e eficaz de uma Antropologia Simbólica, desvendando pensamentos outros e os vários modos de comunicação entre os homens. Esta tarefa da Antropologia é de algum modo uma Antropologia da Ação (Oliveira, 1978), isto é, a compreensão do contexto etnográfico, no tempo e no espaço.

Ter acesso ao *modus vivendi* do grupo que estudamos é condição primeira para compartilhar conhecimentos que capacitam o antropólogo a desfazer preconceitos, a intermediar diálogos e a reivindicar direitos juntamente com o grupo estudado. Nesse sentido, Melatti dedicou-se ao estudo da sociedade Krahó, oferecendo-nos uma literatura vasta e importante sobre o grupo (1963, 1967, 1970, 1974, 1976a, 1976b, 1978, 1979b e 1985). Além disso, Melatti publicou trabalhos sobre grupos de língua Pano e obras de maior alcance (1979a, 1987 [1970] e 1992).

A fidelidade e a persistência ao objeto de estudo escolhido é o que impressiona em Melatti, com uma dedicação aos estudos sobre os Krahó e depois com uma pesquisa entre os Marubo no período de 1974 a 1983.

Entretanto, com uma imensa capacidade de síntese e de pensamento comparativo, Melatti tem se dedicado à construção etnológica dos espaços culturais dos grupos indígenas da América do Sul, resgatando empreitas como a de Julian Steward (1963 [1946-1952]), que organizou os sete volume do *Handbook of South American Indians*, Curt Nimuendajú e seu mapa Etno-Histórico do Brasil (1947), e Eduardo Galvão e suas áreas etnográficas, apresentadas na IV Reunião de Antropologia, em Curitiba, no ano de 1959 (Galvão, 1979).

Aposentado da burocracia, o professor Melatti continua sintonizado com a Etnologia Indígena. Ele foi coordenador, por alguns meses, da Enciclopédia dos Povos Indígenas do Brasil do Instituto Socioambiental, organizando os verbetes dos grupos e ele mesmo escrevendo sobre os Krahó e sobre os Marubo (disponível *on line* em http://www.socioambiental.org/website/pib/portugues/quonqua/cadapovo.htm). Também continua reconstruindo aos poucos as áreas etnográficas do Brasil e da América do Sul, oferecendo inclusive cursos de extensão para a comunidade não especializada sobre o tema (disponível em http://www.geocities.com/juliomelatti), buscando a síntese que só os sábios sabem construir: com humildade, perseverança e conhecimento acumulado, sem abrir mão de suas características doses de humor.

Portanto, não tenho dúvida em afirmar que se tenho hoje a formação profissional que me faz produzir como pesquisador e professor em Antropologia, Melatti certamente é um dos principais responsáveis. Ele abriu as portas da Antropologia para mim: na Universidade de Brasília, no CNPq, na CAPES, na Fulbrigth, na Harvard University e na Smithsonian Institution. Orgulho-me em dizer que fui aluno do Melatti e que tive a introdução do meu livro sobre os Karajá escrito por ele (Lima Filho, 1994). Este é um dos quadros da minha memória individual que evoco com carinho.

Por fim, se os rituais são bons para pensar os outros, eles também servem para nos centrar na vida, na casa, na família, no trabalho e com os amigos. Então, descubro com alegria que voltar à Universidade de Brasília, onde busquei a minha formação em Antropologia, não tem sentido sem antes passar primeiro na sala do amigo e professor Melatti, sentar, falar do que estou fazendo e ouvir dele: "naquele livro, na parte tal não tem isso que você está procurando?"; beber juntos o cafezinho, falar de nossas famílias. Se como os Karajá, o tempo empurra os homens para fora da Casa dos

Homens, do falatório das decisões políticas, reuniões, obrigações formais e do jogo de impressões, por outro lado, esses mesmos homens entram para um grupo seleto de ações xamânicas sem as quais o mundo político não teria sentido. Melatti é uma espécie de xamã da Antropologia: observa, estuda, ouve, ouve... e como os xamãs Karajá, ele continua em cena muito mais do que ele mesmo possa imaginar. Seu nome, Melatti, por mais que você insista em contestar qualquer elogio, já está definitivamente escrito na Etnologia Brasileira. E testemunhar isso é uma grande honra!

BIBLIOGRAFIA

GALVÃO, Eduardo. 1979. "Áreas Culturais Indígenas do Brasil: 1900-1959". In *Encontro de Sociedades: índios e brancos no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. pp. 193-228.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. 1994. *Hetohoky: um rito Karajá*. Goiânia: Editora da UCG.

MAYBURY-LEWIS, David. 1979. *Dialectical Societies*. Cambridge: Harvard University Press.

MELATTI, Julio Cezar. 1963. O Mito e o Xamã. *Revista do Museu Paulista*, N. S., v. 14: 60-70.

____. 1967. *Índios e Criadores*. Rio de Janeiro: UFRJ (Monografias do Instituto de Ciências Sociais, 3).

____. 1970. *A Estrutura Social Krahó*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo. [Orientador: João Baptista Borges Pereira]

____. 1974. Reflexões sobre Algumas Narrativas Krahó. *Série Antropologia*, nE 8 (Brasília: DAN/UnB).

____. 1976a. Corrida de Toras. In *Revista de Atualidade Indígena*, n. 1: 38-45. Brasília: FUNAI.

____. 1976b. "Nominadores e Genitores: um aspecto do dualismo Krahó". In *Leituras de Etnologia Brasileiras* (Egon Schaden, org.). São Paulo: Editora Nacional. pp. 139-148.

____. 1978. *Ritos de uma Tribo Timbira*. São Paulo: Ática.

____. 1979a. Pólos de Articulação Indígena. *Revista de Atualidade Indígena*, n.16: 17-28. Brasília: FUNAI.

____. 1979b. "The Relationship System of the Krahó". In *Dialectical Societies* (D. Maybury Lewis, org.). Cambridge: Harvard University Press. pp. 46-79.

____. 1985. Curt Nimuendajú e os Jês. *Série Antropologia*, n? 49 (Brasília: DAN/UnB).

____. 1987 [1970]. *Índios do Brasil*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da UNB.

____. 1992. "Enigmas do Corpo e Soluções dos Panos". In *Roberto Cardoso de Oliveira – Homenagem*. Campinas: IFCH-Unicamp. pp. 143-166.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. 1978. "Possibilidade de uma Antropologia da Ação". In *Sociologia do Brasil Indígena.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: EdUnB. pp. 197-221.

STEWARD, Julian H. 1963 [1946-1952]. "South American Cultures: An interpretative summary". In *Handbook of South American Indians* (J. H. Steward, org.). v. 3. Bulletin n.143 do Bureau of American Ethnology da Smithsonian Institution, Washington.